

O COMPORTAMENTO DA LÍNGUA EM GÊNEROS TEXTUAIS VIRTUAIS MSN E E-MAIL

Graziela Hofstätter

RESUMO: A “Era Tecnológica” faz parte da sociedade contemporânea e com ela novos meios de comunicação surgem e participam da vida das pessoas. Os gêneros textuais virtuais, msn e e-mail, são os objetos de análise deste artigo, cujo objetivo é investigar o comportamento da língua nesses dois gêneros textuais.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia. Gêneros textuais virtuais. Comunicação e língua.

ABSTRACT: The “Technology Epoch”, makes part of the contemporary and with it news media arises participates of people’s life. The virtual literal kind, msn and e-mail, are the objects of the analysis this article whose objective is to investigate the behavior of language in this two virtual literal.

KEYWORDS: Technology. Virtual literal kind. Communication and language.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Mudanças, transformações, facilidade de comunicação, acesso ilimitado a um universo de informações são palavras de ordem na sociedade contemporânea, que vive na “Era Tecnológica”, em casa, no trabalho, na escola. Quem, hoje, ainda não teve acesso à *internet* não ou teve algum contato com o computador? A informatização não serve apenas à comunicação, mas a todos os setores da economia, de modo especial, ao Setor Terciário, que envolve a prestação de serviços. Ninguém mais se imagina administrando uma empresa, um banco, um consultório, um escritório e, em muitos casos, gerenciando a vida pessoal, sem os recursos da informatização, que prioritariamente, envolvem a comunicação. Há apenas um século, a comunicação com o outro lado do Atlântico, era por meio de carta escrita, que demorava meses para chegar ao destinatário. A resposta demorava mais alguns meses. Enfim, um turno de troca de informações demorava quase um ano para se completar. Hoje, fazendo uso de diferentes recursos tecnológicos, trocam-se informações instantaneamente de qualquer lugar do planeta, desde que a língua o permita.

Vivemos, portanto, a era da comunicação e da informação. Com exceção de limitações pessoais, praticamente não há mais barreiras que impedem o acesso às informações ou à própria comunicação. A passagem da comunicação que demorava meses para atingir o destinatário à comunicação instantânea que se consolidou a partir de novo milênio vai implicar também no surgimento de novos olhares sobre os estudos da linguagem, bem como em mudanças significativas no sistema e no funcionamento das línguas. Os ambientes virtuais, com formas de interação bem específicas, resultam em uma infinidade de novos gêneros textuais virtuais orais e escritos.

Convém esclarecer desde já que, por via eletrônica, são registrados tanto os gêneros virtuais orais, quanto os escritos, ou seja, os gêneros textuais virtuais são todos grafados, mas não necessariamente expressos na língua escrita. Por conseguinte, os gêneros virtuais orais, em função de suas características específicas, passam a exigir novos recursos para expressar emoções, sentimentos, entre outros. Esses recursos são diferentes dos de textos escritos não virtuais. Os sinais de pontuação, por exemplo, imprescindíveis em textos escritos, estão praticamente ausentes nos gêneros textuais orais. No entanto, outros recursos, como os sons, as imagens os famosos *emoticons*, tipos e tamanhos diferentes de letras, abreviações de palavras, o uso de linguagem fonética, de frases curtas, entre outros, acrescentam-se à língua comumente usada nos meios eletrônicos.

Conforme já explicitado, pelo meio virtual é possível a troca de mensagens entre usuários da *internet* de diferentes lugares do mundo de forma síncrona, isto é, de forma imediata, sem intervalo maior de tempo entre uma fala e outra, à semelhança de uma conversa presencial ou via telefone. Ou, então, a comunicação virtual pode ocorrer de forma assíncrona, com a possibilidade de algum espaço de tempo entre os diálogos. A linguagem dos gêneros textuais virtuais emergentes, por muitos denominada de *internetês*, está tão presente na comunicação que ela já faz parte da identidade, da forma de pensar e de organizar o pensamento, principalmente dos jovens, que questionam com frequência por que não podem usar abreviações se estão se comunicando. No entanto, entre os professores, principalmente entre os não familiarizados com o *internetês*, no caso, abreviações de palavras, escrita fonética, uso de outros signos além dos linguísticos, há preconceito, no sentido de considerarem esse tipo de linguagem inferior ao padrão culto da língua escrita. Ao contrário, caber-lhes-ia mostrar que o meio virtual exige um padrão de linguagem diferente do exigido para textos veiculados em outros meios. Por conseguinte, o professor de Língua Portuguesa, em vez de discriminar ou até proibir determinados usos da língua, deveria trabalhar em sala de aula na perspectiva da adequação da linguagem ao contexto de uso.

Com base nas considerações acima, o presente trabalho busca investigar o funcionamento da língua em dois gêneros textuais virtuais: o bate-papo (*msn*), que se enquadra no gênero oral, e a carta eletrônica (*e-mail*), no escrito. Para realizar esta investigação, analisar-se-ão as conversas estabelecidas no gênero virtual *msn* entre: uma professora e um aluno adolescente; entre duas adolescentes; entre duas amigas professoras de Português. No gênero virtual *e-mail*, entre uma aluna adolescente

e uma professora; entre duas adolescentes e entre duas amigas professoras de Língua Portuguesa. A questão que procuramos responder é: Como funciona e o que determina o funcionamento da língua em gêneros textuais virtuais de modalidade oral como o *msn* e o de modalidade escrita como o *e-mail*, levando em consideração diferentes interlocutores em diferentes contextos de comunicação? Em suma, busca-se investigar o funcionamento da língua nesses gêneros textuais virtuais, tendo em vista, diferentes interlocutores, em diferentes contextos de comunicação. Para desenvolver esta investigação, descreve-se o funcionamento da língua, explicitando as características textuais de cada um dos gêneros textuais *msn* e *e-mail*, com o objetivo de verificar o que ou quem determina o funcionamento da língua nesses gêneros. As questões que nortearam esta investigação são as seguintes: A interação verbal é determinante no funcionamento da língua? A língua rege ou é regida pela interação? Como funciona a língua no gênero textual *msn* e *e-mail*? Há diferença entre os gêneros textuais orais escritos no meio virtual?

Para investigar o funcionamento da língua nesses dois gêneros textuais virtuais, são observadas, entre outras, as abreviações de palavras, uso de imagens como os *emoticons* para a expressão de sentimentos, o uso inexpressivo de sinais de pontuação, ou uso de sinais de pontuação com outros objetivos que os prescritos pela norma culta, uso de gírias, palavras e expressões em Inglês, uso da linguagem fonética, uso de palavras sem acento, textos ou frases curtas, muitas vezes, incompletos, que são características dos gêneros textuais orais, mas praticamente ausentes em gêneros textuais escritos.

Além da análise dos recursos linguísticos que caracterizam os dois gêneros textuais virtuais, também se investiga o contexto de comunicação, mais especificamente os interlocutores, percebidos como determinantes do funcionamento da língua nos gêneros textuais virtuais *msn* e *e-mail*. Para investigar a língua em funcionamento, parte-se do princípio de que ela é um sistema inacabado, flexível, que, conforme Bakhtin (1979) é um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes. A língua manifesta-se no seu funcionamento e é sensível ao contexto. É heterogênea e sempre funciona situadamente na relação dialógica¹.

Feitas as considerações iniciais, apresentamos algumas reflexões teóricas que embasam a análise dos gêneros textuais virtuais *msn* e *e-mail*.

2 ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS

2.1 Conceitos de língua e linguagem

Para fundamentar este artigo, destacamos alguns conceitos, que se apoiam no caráter dialógico da linguagem, com base no conceito Bakhtiniano, de acordo com o qual o diálogo, no sentido estrito do termo, é uma das formas mais importantes,

1 Dialógica – em forma de diálogo.

da interação verbal. Num sentido amplo, pode-se entender o diálogo não apenas como a comunicação em voz alta de pessoas colocadas face a face, mas toda a comunicação verbal, de qualquer tipo que seja, pode ser considerada diálogo.

Com base em Bakhtin (2002), a perspectiva dialógica da linguagem permite pensar a língua como sendo constituída na e pela interação verbal. Isto é, o uso da língua se materializa nos enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, por meio dos participantes de uma ou de outra esfera da atividade humana. O enunciado não se repete. Ele é único. O dito acima está embasado em Bakhtin, quando ele afirma que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2002, p. 123).

De acordo com Bakhtin (2002, p.124), “A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua, nem no psiquismo individual dos falantes”.

Ainda de acordo com Bakhtin (2002), há uma ordem metodológica para o estudo da língua, a seguir explicitada:

– As formas e os tipos de interação verbal ligados às condições concretas em que se realizam.

– As formas das distintas enunciações e os atos de fala isolados, que têm ligação com a interação e que constituem as categorias de atos de fala, na vida e na criação ideológica que se presta a uma determinação pela interação verbal.

– A partir de então, acontece um exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual.

Levando em consideração o exposto acima, podemos dizer que a língua funciona de acordo com o que determina a interação verbal. Ou seja, o sistema linguístico é flexível, ou melhor, as formas da língua moldam-se de acordo com as condições concretas em que se realizam. Podemos dizer, portanto, que as condições concretas de um artigo científico, por exemplo, são bem diferentes das condições de um *e-mail* ou de papo virtual no *msn*. Seguindo essa mesma linha de pensamento, é possível afirmar que a descrição de uma língua pode contemplar apenas o sistema, ou seja, a imanência da língua, mas também pode contemplar a língua em funcionamento, levando em consideração as diferentes enunciações.

Bakhtin aponta para o que entende por texto quando afirma que:

Toda a palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda a palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A

palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 2002, p. 113).

Assim, com base em Bakhtin, podemos dizer que o texto organiza-se de acordo com o que é determinado por aquele que escreve, quanto por aquele para quem o texto se dirige. Assim, mesmo que exista um padrão que regula a organização de um determinado texto, esse padrão é flexível, isto é, o texto molda-se de acordo com o que determinam os interlocutores. Na verdade, como bem diz Bakhtin, o texto é apenas uma ponte entre quem o produz e os seus interlocutores.

Na mesma linha, Bakhtin (2002) define enunciação como sendo:

O produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é a função da pessoa desse interlocutor: variará tratar-se de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.) (BAKHTIN, 2002, p. 112).

Com base no conceito Bakhtiniano de enunciação, podemos dizer que a língua funciona de acordo com o determinado pela enunciação, ou seja, segundo o acordado pelos interlocutores.

2.2 O que se entende por Gênero Textual?

Serão apresentados alguns conceitos de Gêneros Textuais de diferentes autores.

Para Marcuschi (2003), os gêneros textuais são:

Fenômenos históricos, vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita (MARCUSCHI, 2003, p.19).

Ainda para Marcuschi (2008) apud Dolz e Schneuwly (1998, p. 64) que seguem a posição Bakhtiniana de que: “para possibilitar a comunicação, toda a sociedade elabora formas relativamente estáveis de textos que funcionam como intermediários entre o enunciador e o destinatário, a saber, gêneros”.

Para os autores citados no parágrafo anterior, gênero é:

Um conjunto semiótico constituído de signos organizados de maneira regular; este instrumento é complexo e compreende níveis diferentes; é por isso que o chamamos por vezes de “megainstrumento”, para dizer que se trata de um conjunto articulado de instrumentos à moda de uma usina; mas fundamentalmente, trata-se de um instrumento que permite realizar uma ação numa situação particular. E aprender a falar é apropriar-se de instrumentos para falar em situações discursivas diversas, isto é, apropriar-se de gêneros (DOLZ; SCHNEUWLY, 1998, p. 64).

E é nesse sentido que Schneuwly (2004) apud Jauss (1970), explica que

o gênero desempenha, em toda a interação, o papel de interface entre os interlocutores: ele é o instrumento de comunicação, à medida que define, para o enunciador, o que é dizível e a forma de dizê-lo e, para o destinatário, o horizonte de expectativas.

Para Rodrigues (2005), os gêneros textuais são “produtos” culturais, “modos sociais de dizer”. São os gêneros que regulam, organizam e significam a interação. Para os falantes, os gêneros são uma espécie de índices sociais para a construção do enunciado, que podem ser resumidos, entre outros, nos seguintes aspectos: Quem sou eu? Quem é o meu interlocutor? Como este me vê? O que dizer? Como dizer? Para que dizer? Para o interlocutor, os gêneros funcionam como um horizonte de expectativas de significação.

Nesta mesma linha Bonini (2002) apud Bakhtin define gênero do discurso como:

Gênero do discurso é visto como a forma do enunciado e, embora apresente regras de estruturação, não é, para o autor, uma forma linguística, dado que só existe como função do ato comunicativo considerado no seu todo e pela íntima relação como falante (autor) – como enunciador. Nestes termos é que uma frase, como unidade da língua, não apresenta um falante (autor), pois não apresenta um caráter de totalidade comunicativa e situacional, mas um gênero, sim, já que suas regras têm uma relação mais imediata com o contexto social e interacional e com o fazer discursivo deste falante (autor) (BONINI, 2002, p.15).

O autor acima baseia-se em Bakhtin, que leva em consideração aspectos da interação e as condições sócio-históricas de produção da linguagem.

Podemos ainda citar Marcuschi (2008) apud Bakhtin (1979, p. 279) afirma que: “Todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua, que se efetiva por meio de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana”. Assim, podemos dizer que o gênero tem seu envolvimento social, com o qual não podemos tratar sem levar em consideração a sua realidade social e sua relação com as atividades humanas.

Marcuschi (2008) apud Miller (1984) define gêneros textuais como formas verbais de ação social estabilizadas e recorrentes em textos situados em comunidades de domínios discursivos específicos. Isso torna os gêneros propriedades inalienáveis de textos empíricos e servindo de guia para os interlocutores, dando inteligibilidade as ações retóricas.

Há uma variedade de gêneros textuais em circulação. Apesar da diversidade e da heterogeneidade dos gêneros escritos e orais e das relações que se estabelecem entre eles, os gêneros representam uma estabilização de comportamentos sociais padronizados que produzem efeitos específicos tanto na oralidade quanto na escrita. Os gêneros, geralmente, são determinados pelo uso e não pela forma, tendo como função a comunicação.

Dessa forma, ainda podemos destacar que gênero textual refere-se a textos que encontramos em nossa vida diária e que materializado em situações comunicativas e situado em um espaço discursivo tem o objetivo de comunicação.

Os Gêneros constituem-se como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo. São os textos materializados e que apresentam características sócio-comunicativas.

Rodrigues (2005) apud Bakhtin (2003, p. 283), coloca que “Aprender a falar significa aprender a construir enunciados, porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas”.

São denominados gêneros as práticas diferenciadas, que tomam formas estáveis e dão-se pelo uso da palavra falada, como também por meio da escrita.

Para Rodrigues (2005, p.167) “todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objeto discursivo e finalidade discursiva, sua orientação de sentido específica para com ele e os outros participantes da interação”.

Podemos então, definir gênero como as diferentes formas de linguagem que circulam socialmente, sejam elas mais informais ou mais formais. Os gêneros são a forma como a língua se organiza nas inúmeras situações de comunicação que vivemos no dia a dia, são a língua em uso social, língua viva e instrumento de comunicação, seja quando usamos gêneros escritos, seja quando usamos gêneros orais.

2.3 Gêneros orais e escritos

Os primeiros povos, de cultura essencialmente oral, organizavam-se em torno de um conjunto limitado de gêneros textuais orais. Depois, com a invenção da escrita, os gêneros se multiplicaram, surgindo os típicos da escrita. Em função das necessidades comunicacionais, os gêneros expandiram-se muito nas últimas décadas. Hoje, com a *cultura eletrônica*, telefone, gravador, rádio, televisão e computador e, principalmente a *internet*, ocorreu uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto orais como escritas.

Para o escritor Schneuwly (2004, p.133)

o oral que se aprende é o oral da escrita, pois permite encontrar ideias, elaborar uma primeira formulação, aquele que, por meio das correspondências grafofonêmicas, permite passar ao código escrito, aquele que não é senão a oralização de um escrito.

Ou seja, quando a situação oral é a partir de um texto escrito, que introduz o aluno as normas da escrita em situações de oralidade, como por exemplo, na leitura de um poema em que o trabalho se dá sobre a pronúncia, a articulação das palavras, o uso da acentuação e dos sinais de pontuação.

Na concepção de Schneuwly (2004), os gêneros textuais orais, em suas múltiplas formas, relacionam-se com os escritos, e, em muitos contextos, aproximam-se da escrita e até mesmo dependem dela, como por exemplo, a exposição oral no teatro e ou a leitura dramatizada. Ou, ainda, podem estar mais distanciados como em debates ou em conversas cotidianas.

Portanto, o que constitui o objeto do desenvolvimento da linguagem é o saber falar, dominar os gêneros, que surgem em qualquer língua, sejam eles orais ou escritos, dos mais simples aos mais complexos.

Não há o oral que se oporia à escrita; não há – exceto a materialidade do ato, que implica certos modos de produção, estes também variáveis (a prosódia, sempre; os gestos, às vezes) – nenhuma dimensão de linguagem que permitiria definir de maneira uniforme o oral em relação à escrita. O oral não existe; existem os orais, atividades de linguagem realizadas oralmente, gêneros que se praticam essencialmente na oralidade. Ou, então, atividades de linguagem que combinam oral e escrita. De fato, há pouca coisa em comum entre *performance* de um orador e a conversa cotidiana; entre uma tomada de turno num debate formal e a discussão num grupo de trabalho; entre uma aula dada e uma explicação numa situação de interação imediata; entre a narração de um conto em sala de aula e o relato de uma aventura no pátio do recreio (SCHNEUWLY, 2004, p. 139).

Assim, com base no que diz Schneuwly (2004), pode-se afirmar que gêneros essencialmente orais, como, por exemplo, uma conversa telefônica, uma conversa numa interação direta, comportam-se de forma muito diferente dos gêneros essencialmente escritos, como por exemplo, a interação por meio de uma carta. Da mesma forma, tanto entre os gêneros orais, quanto entre os gêneros escritos há diferenças significativas, via de regra, determinadas pela enunciação, ou seja, pelos interlocutores e pelo próprio contexto de enunciação. Como exemplo, pode-se comparar a interação que acontece numa explicação dada em sala de aula, com a explicação dada num ambiente virtual, no caso, o *msn*. Ou, ainda, o gênero oral conferência, mais próximo dos gêneros textuais escritos, em relação a uma piada contada para a mesma plateia.

Assim, poderíamos seguir elencando uma série de exemplos que evidenciam que a forma como se organizam os diferentes gêneros, a forma como funciona a língua nesses gêneros textuais é resultado da interação que estabelece e que o gênero textual é, portanto, segundo Marcuschi (2003), um fenômeno histórico, fruto de trabalho coletivo, profundamente vinculado à vida cultural e social. Mesmo

apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, não é um instrumento estanque e enrijecedor da ação criativa. Ao contrário, a maioria dos gêneros textuais são maleáveis, dinâmicos, plásticos, uma vez que surgem e tomam forma de acordo com as necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível se considerarmos a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

O trabalho com os gêneros orais em atividades de linguagem desenvolve capacidades de linguagens diversas e é muito importante na prática pedagógica docente. O trabalho com os gêneros orais leva o aluno a conhecer e dominar a sua língua, nas situações mais diversas de comunicação, desenvolve a relação do aluno com o seu próprio comportamento linguístico para melhorar a sua capacidade de falar em qualquer tipo de situação, mesmo nas mais abstratas.

Portanto, como define Schneuwly (2004), a particularidade do oral dá-se pelo fato de que a ficcionalização nos gêneros complexos a serem trabalhados na escola, deve se articular com uma representação do aqui e agora, que é gerenciada pelos meios de linguagem como: os gestos, a mímica, a expressão corporal e a pronúncia das palavras quanto a acentuação e entonação. A implicação material e corporal na situação de linguagem, ficcionalização e a necessidade de construir uma representação da situação abstrata são os dois vetores com que se constroem as novas capacidades de linguagem no que se define como o oral.

2.4 Gênero textual virtual *msn*

O uso intenso das novas tecnologias propiciou o surgimento de novos gêneros, tais como editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, telemensagens, cartas eletrônicas (*e-mail*), bate-papos virtuais (*chats e msn*), aulas virtuais (*aula chats*) e assim por diante. Neste artigo abordamos os gêneros textuais *e-mail* e *msn*.

No gênero textual virtual *msn* acontecem interações síncronas, ou seja, que dependem da agilidade e da rapidez do internauta, que procura alternativas para se comunicar rapidamente. Os recursos utilizados são as constantes abreviações de palavras, o uso de uma linguagem fonética em que prevalecem os sons das letras ou fonemas da língua, o uso de sons, imagens, os *emoticons*, entre outros. O destinatário e remetente devem estar conectados simultaneamente na rede, o que transforma em conversas ou bate-papos, em tempo real, entre dois ou mais participantes. Portanto, a interação síncrona, isto é, a conexão simultânea dos interlocutores na rede caracterizam o *msn* como um gênero textual essencialmente oral.

Marcuschi define os gêneros virtuais orais, entre os quais se inclui o *msn*, da seguinte forma:

Gêneros virtuais são interativos, geralmente **síncronos** (com simultaneidade temporal), embora escritos. Isso lhes dá um caráter inovador no contexto das relações entre fala - escrita. Além da possibilidade cada vez mais comum de

inserção de elementos visuais no texto (imagens, fotos etc.) e sons (músicas, vozes) pode-se chegar a uma interação com a presença de imagem, voz, música e linguagem escrita numa **integração de recursos semiológicos**. Quanto a isso, há outro aspecto nas **formas de semiotização** desses gêneros relativo ao uso de marcas de polidez ou indicação de posturas. São os conhecidos *emoticons* (*ícones indicadores de emoções*) ao lado de uma espécie de *etiqueta netiana* (*etiqueta da internet*) trazendo descontração e informalidade à formulação (monitoração fraca da linguagem), tendo em vista a volatilidade do meio e a rapidez da interação (MARCUSCHI, 2004, p. 12).

A partir do exposto acima, podemos dizer que os gêneros virtuais, em especial o *msn*, são objetos de comunicação, via *on-line* e por isso o uso de elementos semiológicos e de uma escrita abreviada, informal são necessários e exigidos pelo ambiente virtual para que possa ocorrer a agilidade da comunicação e de forma interativa.

Para Marcuschi (2004, p. 19), “os bate-papos virtuais em aberto (*chats*) são conversas multiparticipativas. Hoje em dia há possibilidades de escolha de salas de acordo com o interesse específico”.

O gênero textual virtual *msn* também se caracteriza como um bate-papo que permite dialogar com mais pessoas ao mesmo tempo, por meio de mensagens instantâneas, que se moldam, tomam formas bem específicas, com o objetivo de não só economizar palavras, mas também de encurtá-las com o objetivo de comunicar-se com o máximo de agilidade, uma vez que se trata de bate-papo oral, porém, grafado.

Marcuschi (2004, p. 20) diz que “quanto aos aspectos linguísticos, a liberdade é de total ordem e a massa de dados tão extensa que ainda não se tem uma visão sequer aproximada do fenômeno”.

Conforme Marcuschi (2004) apud Jonson (1997, p.16),

o assunto continua uma “*terra incógnita*”. A linguagem dos bate-papos é bastante livre e envolve, ao contrário de todos os demais gêneros textuais escritos impressos, muitos elementos paralinguísticos. Há também recursos operacionais disponíveis nas salas de bate-papos, tais como: Seleção de parceiros, envio de sons especiais, envio de caretas/imagens, seleção de comentários e sistema de alerta.

O *msn* apresenta características semelhantes ao do *chat*, que é caracterizado por Marcuschi deste modo:

Produções escritas no formato de diálogo numa sequência imediata e retornos rápidos com o sistema de seleções de parceiros, podendo ocorrer muitas confusões pela multiplicidade de indivíduos na sala. Os **turnos** não se apresentam necessariamente em uma sequência encadeada, já que pode haver aspectos técnicos que impedem isso (demora na transmissão de dados). Assim, permite-se mais de uma contribuição do mesmo participante antes de receber do parceiro uma resposta. A administração das contribuições nos bate-papos virtuais é um problema local novo em relação às interações verbais face a face. Neste último caso, quando alguém faz reiteradas contribuições

sem esperar o retorno do parceiro, surgem cobranças e o diálogo pode chegar à ruptura. Característica exclusiva do gênero *chat*.

Produções síncronas, apesar de escritas. Mas existe a possibilidade de não ocorrer a sincronia esperada no caso de respostas não imediatas quando o parceiro responde muito tarde ou interage com vários simultaneamente. Este item pode ser percebido tanto no gênero chat quanto no *msn*.

Contribuições são em geral curtas, não indo além de poucas linhas; caracterizam-se como turnos quando olhadas nas relações que se estabelecem no contexto da interação em andamento. Mas, como já foi dito, as sequências nem sempre são ordenadas e pareadas no formato de *pares adjacentes*. Muitas vezes as contribuições são grandes e um participante pode reunir várias falas de outros e remeter a alguém para que as aprecie. Isso é uma forma de “*citação de fala*” *ipsis verbis*, impossível em interação face a face. Este aspecto é exclusivo desses gêneros (da família dos bate-papos virtuais, no caso o *chat* e o *msn*).

Possibilidade de operar comandos e praticar ações que nem sempre são bilaterais. Ocorre a possibilidade de eu ter selecionado alguém e somente ele, mas esta pessoa estar comigo e também estar respondendo a outros de modo que eu não saiba nem possa controlar. E ela pode estar recebendo reservadamente mensagens que eu não controlo. Tudo isso torna a natureza do bate-papo muito diversa da conversação face a face. De algum modo, pode-se dizer que numa sala de bate-papo aberto se dá uma relação mais **hiperpessoal** do que **interpessoal**, pois a participação não é centrada no indivíduo e nas relações individuais e sim no grupo. Quando as relações deslizam para o interpessoal mais definido, então surge um novo, que é o bate-papo individual reservado (MARCUSCHI, 2004, p. 21).

Conforme Marcuschi (2004) apud Crystal (2001, p. 170),

as interações nos grupos de bate-papos são fascinantes por duas razões: primeiro, porque “providenciam um domínio no qual podemos observar a linguagem em seu estado mais primitivo”; segundo, porque “os grupos de bate-papos fornecem evidências da notável versatilidade linguística entre as pessoas comuns – especialmente o pessoal *jovem*”.

Em consequência, o que se tem, em termos linguísticos, é uma linguagem escrita não monitorada, não submetida a revisões, expurgos ou correções. É uma linguagem em seu estado natural de produção”.

Assim, podemos dizer que a interação nos bate-papos acontece naturalmente, não há correções ortográficas, nem preocupação com a escrita das palavras, pois o mais importante aqui é fazer-se entender, ou melhor, comunicar-se o mais rápido possível, quase como uma conversa oral.

Marcuschi também coloca que a escrita dos bate-papos tende a ser mais abreviada, sendo as abreviaturas passageiras. No entanto, outras se firmam e vão formando um cânone mínimo que vai sendo reconhecido como próprio do meio. Isso significa que há uma contribuição inegável dessa escrita para a formação de novas variedades comunicativas.

As novas tecnologias eletrônicas afetam nossos hábitos de ler e de escrever.

Uma das ideias mais comuns aos que trabalham a relação entre a linguística e as novas tecnologias da comunicação, em especial a computacional, é a que diz respeito à relação fala e escrita. Quanto a isso parece claro que a escrita nos gêneros do meio virtual se dá numa certa combinação com a fala, manifestando um hibridismo ainda não bem conhecido e muitas vezes mal compreendido (MARCUSCHI, 2004, p. 29).

Destaca ainda Marcuschi (2004) que um outro aspecto dito por todos os analistas dos gêneros eletrônicos é o que diz respeito à nova relação com a escrita que eles propiciam. Há indicativos de que está se constituindo um novo formato de escrita numa relação mais íntima com a oralidade do que a existente, embora as cartas pessoais em nada fiquem a dever aos *e-mails* e aos bate-papos. Mas há inovações, sobretudo pela apontada razão da produção ser síncrona, isto é, pela simultaneidade temporal.

2.5 Gênero textual virtual *e-mail*

O *e-mail* é mais uma ferramenta eletrônica de comunicação. Tem a vantagem de ser rápido, eficiente e barato, pois existem provedores de acesso à internet que são oferecidos gratuitamente. Além da comunicação entre usuários da internet de qualquer lugar do mundo, é possível, por meio do *e-mail*, enviar documentos anexados, tais como contratos, fotos, vídeos. A interação é assíncrona, comunicação que ocorre com algum espaço de tempo. O destinatário e o remetente não precisam estar conectados à internet ao mesmo tempo para que haja a comunicação. Marcuschi caracteriza-o da seguinte forma:

Correio eletrônico ou *e-mail* é uma forma de comunicação escrita normalmente assíncrona de remessa de mensagens entre usuários do computador. Em certas circunstâncias pode apresentar uma defasagem mínima de tempo entre uma remessa e a resposta, dando a nítida sensação de turnos em andamento, quando ambos estão em conexão *on-line*, ou então ter defasagem de dias, semanas e meses. No geral, os interlocutores são conhecidos ou amigos e raramente ocorre o anonimato, que é uma violação de normas do gênero (tal como uma carta anônima). Esta característica o diferencia dos bate-papos. Por outro lado, os e-mails em geral são pessoais, o que os diferencia das *listas de grupos* ou fóruns de discussão (MARCUSCHI, 2004, p. 16).

Marcuschi (2004, p. 17) ainda define *e-mail* da seguinte modo:

Quanto ao formato textual, é normal compará-lo com uma carta. Tem um cabeçalho (padronizado, fixo e posto automaticamente pelo programa, cabendo ao usuário apenas preencher).

Com base em Marcuschi (2004) o *e-mail* geralmente possui:

- Endereço do remetente: *automaticamente preenchido*;
- Endereço do receptor: *deve ser inserido (quando não for uma resposta)*;
- Possibilidade de cópias: *a ser preenchido, visível ou não ao receptor*;
- Assunto: *deve ser preenchido*;

- Data e hora: *preenchimento automático*;
- Corpo da mensagem com uma saudação, texto e assinatura.

O *e-mail*, em muitos casos, pode ter a estrutura típica de um bilhete. Sua linguagem pode ser muito bem elaborada, já que hoje se permite trabalhar o *e-mail* no rascunho que pode ser retomado e revisado posteriormente, para então ser remetido, ou seja, o *e-mail* não precisa ser remetido apenas no ato da elaboração. Não há limite de tamanho para o texto, mas, em geral, é um texto de poucas linhas, não sendo usual a paragrafação, embora algumas pessoas costumem utilizá-la.

Nesse gênero, não há necessidade de respostas, embora, geralmente, elas ocorram. O *e-mail* também pode ser comparado com as cartas. Na falta de resposta, pode se supor que o destinatário não recebeu ou não quer responder, ou recebeu e não respondeu. Pode haver casos em que o endereço do remetente não funciona na recepção de respostas. O fluxo é determinado por condições tecnológicas. Uma das vantagens dos *e-mails* é sua transmissão instantânea encurtando o tempo de recebimento.

O uso de *emoticons* (ícones para sentimentos e emoções) não é tão constante em *e-mails*. Os ícones que traduzem emoções são mais utilizados nos bate-papos, que são textos tipicamente orais, mas dificilmente aparecem nos *e-mails*, que são tipicamente escritos.

Conforme Marcuschi apud Jonsson (1997, p. 15),

os *e-mails* introduzem traços inteiramente novos para a comunicação, tais como a colagem gerada pelo software, postagem cruzada e encadeamentos. Os *e-mails* não se conformam aos domínios tradicionais do discurso oral e escrito, mas transgridem constantemente os limites entre os dois. Assim, pode-se dizer que o *e-mail* cria seu próprio domínio de discurso no território da comunicação.

3 ANÁLISE DOS GÊNEROS TEXTUAIS VIRTUAIS

3.1 Metodologia

Para investigar o funcionamento da língua nos gêneros textuais virtuais *msn* e *e-mail*, analisam-se textos, que são resultado de conversas/interações entre usuários da língua que se conhecem.

Para a análise do gênero textual virtual *msn* foram coletadas três amostras, entre elas, a conversa entre duas amigas, ambas professoras de Língua Portuguesa; entre uma professora de Língua Portuguesa e um aluno adolescente e entre duas adolescentes.

Para a análise do gênero textual virtual *e-mail* também foram coletadas três amostras: a conversa entre duas amigas, ambas professoras de Língua Portuguesa; entre uma professora de Língua Portuguesa e uma aluna adolescente; entre

duas adolescentes. A escolha desses interlocutores deve-se à hipótese de que a familiaridade ou não com o padrão culto da língua escrita pode influenciar no uso da língua em gêneros virtuais orais. Supõe-se que poderia haver uma tendência de o professor de Língua Portuguesa, mesmo interagindo no *msn*, usar a língua de acordo com a prescrição da norma culta, enquanto que o interlocutor adolescente tenderia a ser mais flexível.

As amostras das conversações coletadas são de interlocutores distintos, para cada gênero textual virtual analisado, ou seja, as pessoas envolvidas em cada amostra não são as mesmas. Foram escolhidos para a análise interlocutores adolescentes e professoras de Língua Portuguesa. Foram coletadas três amostras de conversa de cada gênero textual virtual em estudo (*msn e e-mail*). A partir dessas amostras, pretende-se observar e analisar como a língua se comporta nesses dois gêneros virtuais, levando em consideração os diferentes interlocutores e os diferentes contextos discursivos, a fim de verificar os fatores determinantes do funcionamento da língua, ou seja, a língua se comporta ou funciona com base na prescrição da norma gramatical, com base no contexto comunicacional, ou com base no acordo entre os interlocutores.

Para analisar as amostras, faz-se, inicialmente, uma rápida descrição de como se organiza cada um dos gêneros textuais apresentados, levando em consideração aspectos linguísticos e textuais. Em seguida, faz-se uma análise comparativa entre as diferentes amostras do mesmo gênero, *msn* e *e-mail*, bem como entre os diferentes gêneros, com o intuito de responder às questões norteadoras já explicitadas. O olhar, ou melhor, a perspectiva que orienta a análise são as noções de linguagem, língua, interação, enunciação, gênero textual, abordadas no capítulo das reflexões teóricas.

3.2 Descrição e análise do gênero textual *msn*

3.2.1 Conversa entre duas professoras amigas

FIGURA 1 - Conversa entre duas professoras amigas

***Amiga A**

***Amiga B**

6/10/2008	13:09:51	A	oie
6/10/2008	13:10:21	B	oi
6/10/2008	13:10:35	A	vou na tua casa depois
6/10/2008	13:10:41	B	q horas
6/10/2008	13:10:52	B	to tão podre
6/10/2008	13:11:05	A	daki a poko
6/10/2008	13:11:05	B	q quase já estou ino dormir
6/10/2008	13:11:09	A	pode ser?
6/10/2008	13:11:14	B	pode
6/10/2008	13:11:17	A	hum então deixa
6/10/2008	13:11:24	A	eu invento alguma coisa
6/10/2008	13:11:32	B	não vem pegar

6/10/2008	13:11:42	B	<u>vem pegar</u>
6/10/2008	13:11:46	A	ja vou
6/10/2008	13:11:52	B	<u>vou te esperar</u>
6/10/2008	13:11:53	B	<u>ta</u>
6/10/2008	13:12:04	A	só vou ir fazer xixi e ja vou
6/10/2008	13:12:07	B	<u>sim</u>
6/10/2008	13:12:11	A	<u>até</u>
6/10/2008	13:12:15	B	<u>ate</u>
6/10/2008	20:13:08	A	q tu tá fazendo aí?
6/10/2008	20:14:43	B	<u>FALANDO UM POUQUINHO COM A ADRI</u>
6/10/2008	20:14:57	A	eu naum sabia q tu tava de feriadão
6/10/2008	20:15:06	B	<u>SIM</u>
6/10/2008	20:15:08	B	<u>TO</u>
6/10/2008	20:15:23	B	<u>AMS FAZENDO OS TRABALHOS COMO SEMPRE</u>
6/10/2008	20:15:29	A	sim
6/10/2008	20:15:55	A	eu tb tenho q fazer a minha monografia
6/10/2008	20:16:06	A	escrever os conceitos
6/10/2008	20:16:24	B	<u>É MAS QUASE NAO RENDE</u>
6/10/2008	20:16:44	A	sim..vamos cedo pra poder beber de graça hj a noite
6/10/2008	20:17:59	B	<u>É MESMO</u>
6/10/2008	20:18:27	A	das 10 as 11 batida de gratis
6/10/2008	20:18:44	B	<u>SIM</u>
6/10/2008	20:18:46	A	<u>SEI</u>

Nesta conversa entre duas amigas, professoras de Língua Portuguesa, no gênero virtual *msn*, o assunto gira em torno de dois temas diferentes: primeiro, uma está falando em ir à casa da outra para buscar alguma coisa; depois estão combinando ir a uma festa, o que se verifica pelo horário e data precisos, que aparecem no recorte. As duas conversas ocorrem no mesmo dia, mas os horários são diferentes: tarde e noite. Um aspecto que chama atenção é que neste gênero textual virtual, os horários aparecem de forma precisa (hora, minutos e segundos), bem como o dia em que a conversa se realizou.

O recurso da pontuação é usado duas vezes com o objetivo de sinalizar a interrogação: “*pode ser?*”, “*q tu ta fazendo aí?*”. Nos demais enunciados, não aparecem sinais de pontuação, o que evidencia que, em gêneros textuais orais, a tendência é o uso bem restrito dos sinais de pontuação, ou seja, quando, de fato é imprescindível para o sentido do enunciado. No presente caso, para diferenciar a interrogação da declaração. Numa interação face a face, os sinais de pontuação são substituídos pelas expressões faciais, gestos, entonação de voz. Como se trata de texto oral escrito há necessidade de, de alguma forma, sinalizar o que é essencial para a compreensão do enunciado.

Ocorrem, também, várias abreviações, o que revela uma tendência para uma escrita fonética, como, por exemplo, “*q*”, “*n*”, “*to*”, “*tb*”, “*hj*”, “*poko*”, “*daki*” em vez de “*que*”, “*não*”, “*estou*”, “*também*”, “*hoje*”, “*pouco*”, “*daqui*”, que é também uma característica própria do gênero. O que se percebe é que as abreviações não dificultam, nem impedem a legibilidade do texto, mas agilizam a concretização do texto.

O jogo de perguntas e respostas, mesmo sendo em meio virtual, aproxima-

se das características de uma interação face a face, que, no meio virtual, recebe a denominação de produção síncrona, pois há simultaneidade temporal das falas, comprovada pela hora registrada no histórico do *msn*. As interações síncronas dependem da agilidade e da rapidez dos interlocutores, pois abreviar as palavras, usar uma linguagem fonética, sem muitos sinais de pontuação, frases curtas são as alternativas de que os interlocutores dispõem para se comunicarem com economia de espaço e de tempo.

Nesse recorte nota-se que o texto foi escrito, mas é oral, por tratar-se de produção síncrona, semelhante a uma conversa face a face.

Por tratar-se de produção síncrona, registrada por escrito, que exige a mesma rapidez e fluência da conversa oral, há maior flexibilidade com a correção ortográfica, com problemas de digitação que são frequentes, bem como apela-se às abreviações, escrita fonética, entre outros recursos que podem contribuir para agilizar a comunicação.

O fato de as interlocutoras serem professoras de Língua Portuguesa não interferiu no uso de um código linguístico específico do gênero virtual *msn*. Ou seja, as interlocutoras seguiram o código, as regras específicas deste gênero textual, e não o padrão culto da língua escrita. Há, portanto, evidências de que o contexto do discurso, ou, então, a situação de comunicação, já descrito acima, o gênero textual, nesse caso o *msn*, são fatores que flexibilizam o uso da língua, ou seja, a língua funciona de acordo as necessidades do contexto, isto é, da situação de comunicação. Há evidências claras de que, neste caso específico, mesmo tratando-se da interação entre duas professoras de língua portuguesa, que poderiam estar condicionadas pela prescrição da norma, o que determina o funcionamento da língua é a necessidade de adaptar-se às exigências do gênero textual oral *msn*.

Os *emoticons*, versões animadas e sonoras que caracterizam emoções, bem característicos do gênero virtual *msn*, não são registrados no histórico da conversa, pois são recursos de linguagem instantâneos, bem típicos da oralidade, que aparecem somente no ato da conversa escrita, para registrar a emoção do momento. Os *emoticons* são os substitutos dos gestos, entonações, estados de espírito dos interlocutores.

3.2.2 Conversa entre um aluno adolescente e sua professora de Língua Portuguesa

FIGURA 2 – Conversa entre um aluno adolescente e sua professora de Língua Portuguesa

7/10/2008	20:41:08	Aluno	oi prof
7/10/2008	20:41:15	Aluno	eu ja to digitandu
7/10/2008	20:41:26	Aluno	as poesias
7/10/2008	20:41:51	Professora	<u>ta bom ok!</u>
7/10/2008	23:11:44	Aluno	oi
7/10/2008	23:11:59	Professora	<u>oi</u>
7/10/2008	23:11:59	Aluno	prof recebeu ?
7/10/2008	23:12:08	Professora	<u>vou ver depois</u>
7/10/2008	23:12:19	Professora	<u>ok?</u>
7/10/2008	23:12:26	Aluno	sim

7/10/2008	23:12:39	Aluno	eu mandei por msn
7/10/2008	23:12:42	Aluno	ta
7/10/2008	23:12:45	Aluno	?
7/10/2008	23:13:11	Aluno	eu mandei por o email do msn seu ta ?
7/10/2008	23:13:23	Professora	<u>OK!</u>
7/10/2008	23:33:29	Aluno	o prof acho as poesias ?
7/10/2008	23:33:45	Professora	<u>VOU VER AGRA SÓ UM POUCO</u>
7/10/2008	23:34:10	Professora	ta ok !
7/10/2008	23:36:10	Professora	<u>NO MEU HOT MAIL, NÃO TEM NADA</u>
7/10/2008	23:36:28	Aluno	mas eu mandei
7/10/2008	23:36:35	Professora	<u>MANDA PARA: GRAZYELAH@BOL.COM.BR</u>
7/10/2008	23:36:46	Aluno	ta
7/10/2008	23:36:50	Professora	<u>POIS É MAS NÃO ESTÁ AKI</u>
7/10/2008	23:37:00	Professora	<u>TU TEM GRAVADO NO TEU COMPUTADOR</u>
7/10/2008	23:37:09	Aluno	sim
7/10/2008	23:37:21	Professora	<u>ENTÃO VAI DAR TUDO CERTO</u>
7/10/2008	23:37:28	Professora	<u>MANDA PARA O DA BOL</u>
7/10/2008	23:37:28	Aluno	ta
7/10/2008	23:37:34	Aluno	aham
7/10/2008	23:39:22	Aluno	mandei uma
7/10/2008	23:39:35	Professora	ja vou olhar

Neste recorte, que registra a conversa no *msn* entre uma professora de Língua Portuguesa e um aluno adolescente, o tema se refere a poesias a serem enviadas pelo aluno à professora, via *internet*. Conforme o registro, os dois se comunicaram duas vezes no mesmo dia. Primeiramente, para o aluno informar que está digitando as poesias e depois, mais tarde, para ele pedir se a professora já as havia recebido.

Também constata-se que foram utilizados alguns sinais de pontuação, como, por exemplo, em frases exclamativas: “*ta bom ok!*”, “*ok!*”, “*ta ok!*”, expressas pela professora, bem como em algumas frases interrogativas, como, por exemplo: “*prof recebeu?*”, “*eu mandei para o e-mail do seu msn ta?*”, “*o prof acho as poesias?*”, frases estas expressas pelo aluno. A professora também utilizou uma vírgula na seguinte frase: “*no meu hot mail, não tem nada*”; e os dois pontos: “*manda para: grazylah@bol.com.br*”. Nos demais enunciados não foram utilizados sinais de pontuação.

Constata-se que há tendência de se aproximar um pouco mais do prescrito para o padrão da língua escrita em gêneros textuais não virtuais, tanto da parte da professora, quanto da do aluno. Ambos têm preocupação em usar a pontuação, ficar no meio termo entre a escrita fonética e abreviada e o padrão da escrita, o que evidencia que há uma tendência de adaptar-se às regularidades linguísticas do gênero *msn*, mas com interferência do padrão da língua escrita. Percebe-se que o aluno está bem mais próximo do *internetês*, uma vez que ele utiliza, por exemplo, o ponto de interrogação, somente para ser bem sucedido na interação, ou seja, ser compreendido pelo interlocutor.

Há abreviações de palavras, tais como: “*prof,*” “*to,*” em vez de “*professora,*” “*estou,*” usadas pelo aluno. Aparece também a escrita fonética, como, por exemplo, em “*digitandu,*” “*aki,*” usadas tanto pelo aluno como pela professora, em vez de

“*digitando*”, “*aqui*”, que são marcas típicas da linguagem oral, que, por sua vez, caracteriza as produções síncronas, que é o caso do presente recorte.

Como já foi explicitado, apesar de ser uma conversa entre uma professora e haja evidências da interferência do padrão da língua escrita, preservam-se as regularidades do internetês. O que nos leva a concluir que a posição professor/aluno dos interlocutores pode estar interferindo no uso da língua neste contexto.

Como no recorte anterior, aqui também aparecem a data e hora precisas em que se realizou a interação entre aluno e professora.

Também neste recorte há a presença dos *emoticons*, que são versões animadas e sonoras que caracterizam emoções e sentimentos dos interlocutores. Eles não aparecem no histórico da conversa, pois são instantâneos, bem típicos da interação face a face. Ou seja, são marcas características do gênero textual oral, que podem ser comparadas às expressões fisionômicas e gestuais que realizamos quando estamos conversando face a face.

3.2.3 Conversa entre duas amigas adolescentes

FIGURA 3 - Conversa entre duas amigas adolescentes

(14:24) **amiga 1** pode dormi aqui amr ?
 (14:24) **amiga 2** pera
 (14:25) **amiga 2** q horas teus pais acordam
 (14:25) **amiga 1** Seila
 (14:25) **amiga 1** porq amr ?
 (14:26) **amiga 2** nao é q eu tenho ir no culto com meus pais hj ou amanha de manha as 9:00
 (14:26) **amiga 2** dai eles iriam passar lá
 (14:26) **amiga 1**
 (14:26) **amiga 1** pode se
 (14:26) **amiga 1** (:
 (14:26) **amiga 2** ta
 (14:27) **amiga 2** pera ai q nós tamo resoendo
 (14:27) **amiga 1** Haha
 (14:27) **amiga 1** ook amor
 (14:29) **amiga 2** Pamy
 (14:29) **amiga 2** assim eu tavapenssando em ir no culto hj e depts euia na tua casa
 (14:30) **amiga 2** mas eu nao se tu quer q vo na tua casa agora
 (14:30) **amiga 1** vem aqui agr (:
 (14:30) **amiga 1** ai vai amanhã de mnha no cultp
 (14:30) **amiga 1** Culto
 (14:31) **amiga 2** minha mae nao que ir amanha
 (14:31) **amiga 1** que horas é o culto ?
 (14:31) **amiga 2** pq ela quer ‘descançar’
 (14:31) **amiga 2** hj é as 6:00 até as 7:00
 (14:32) **amiga 1** entao vem aqui
 (14:33) **amiga 1** e depois vai pr culto
 (14:33) **amiga 1** e volta (:
 (14:33) **amiga 1** Sioaisausiaisua
 (14:33) **amiga 2** nao fica ruim
 (14:33) **amiga 1** entao so vem aqui

(14:33) amiga 1	e nao dorme
(14:33) amiga 1	(:
(14:33) amiga 2	nao
(14:33) amiga 1	dorme ououtro dia
(14:33) amiga 2	falei com minha mae
(14:34) amiga 2	e eu vo ir agora ew deps vo no culto e volto
(14:34) amiga 2	pode ser
(14:34) amiga 1	pode sim
(14:34) amiga 1	ta bom
(14:34) amiga 1	to indu então
(14:34) amiga 1	Bjs

Nesta interação, entre duas amigas adolescentes, o assunto tratado é se uma delas pode ou não dormir na casa da outra. O encontro das duas no ambiente virtual ocorre na parte da tarde, conforme registro do horário preciso que aparece no recorte da conversa.

Percebe-se o uso de alguns dos sinais de pontuação, como por exemplo, nas interrogações “*pode dormir aqui amr?, porq amr?, que horas é o culto?*” E o uso dos dois pontos para delimitar as horas. No restante da conversa não aparece mais nenhum outro sinal de pontuação. Os sinais de pontuação que foram usados nesta conversa, principalmente, o ponto de interrogação, são necessários para a compreensão do texto, já que na língua oral, usa-se a entonação da voz para expressá-lo.

Outra característica do gênero, já constatada em recortes analisados anteriormente, é o uso de palavras abreviadas, tais como: “*dormi, amr, pera, porq, q, hj, se, vo, agr, mmba, pq, pr, to, bjs*”, que se fossem escritas literalmente seriam assim: “*dormir, amor, espera, por que, que, hoje, ser, vou, agora, amanhã, por que, para, estou, beijos*”. Há também o uso da escrita fonética, como por exemplo, “*q, indu*” em vez de “*que, indo*”, marcas da oralidade, expressas por escrito. Conforme já se verificou nos demais recortes, há uma tendência de, além de suprimir letras e abreviar palavras, suprimir também os espaços entre as palavras para dar ao texto a agilidade que o gênero textual oral exige, ou seja, o digitar deve acompanhar a agilidade da fala.

Convém registrar que os *emoticons*, versões animadas e sonoras que caracterizam emoções, sentimentos e expressões dos interlocutores, presentes no ato da interação, não aparecem no histórico da conversa, uma vez que expressam os sentimentos dos interlocutores, numa produção síncrona.

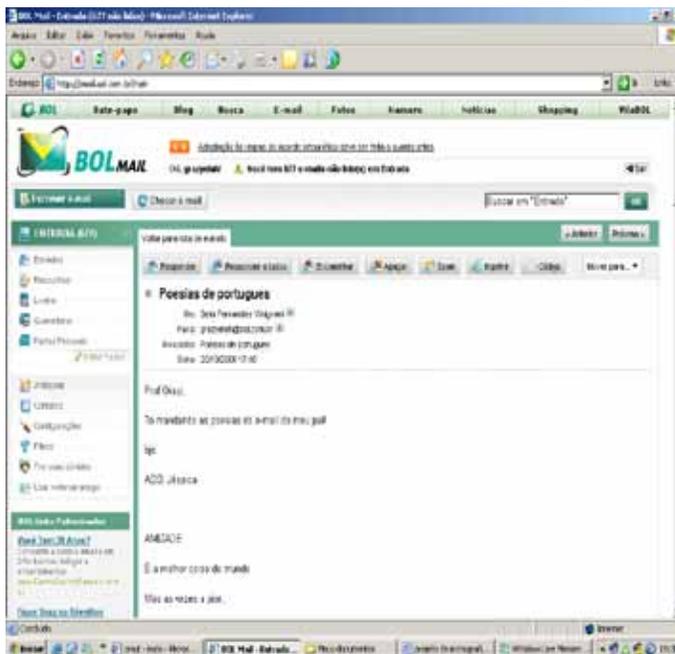
A análise dos três recortes do gênero textual oral *msn* permitem concluir que há uma regularidade, um padrão de uso da língua que atende às necessidades do gênero textual *msn*. Nos três recortes, independente da posição e da função dos interlocutores, a forma de funcionamento da língua é idêntica. Segue-se uma regularidade no uso dos sinais de pontuação, nas abreviações, no uso da escrita fonética, enfim, aponta-se para uma sintaxe, uma gramática para os gêneros textuais de ambientes virtuais, de modo especial, para os orais. Vale ressaltar também que o internetês não é a língua típica de um determinado grupo social, no caso, adolescentes, conforme o senso comum. As investigações apontam para a flexibilização da língua, que se molda, se adapta às necessidades contexto do discurso e, neste novo contexto, se instituem novas regularidades, o que corrobora

com o conceito Bakhtiniano de que a língua se constitui na e pela linguagem, isto é, nas situações concretas de interação.

3.3 Descrição e análise do gênero textual e-mail

3.3.1 Conversa entre uma aluna adolescente e sua professora

FIGURA 4 - Página de um e-mail



Já abordado no capítulo das considerações teóricas, passamos agora à descrição e análise de um gênero textual virtual escrito, mais especificamente, o *e-mail*.

Nessa interação de uma aluna adolescente com a professora de Língua Portuguesa por meio do gênero textual virtual *e-mail*, o assunto é o envio de algumas poesias pela aluna para que a professora as leia.

Há nesse registro: o remetente, o destinatário, a saudação e a assinatura, características da carta eletrônica, idênticas às da carta convencional. Constata-se que há poucas palavras abreviadas, como, por exemplo, *prof*, *to*, marcas da oralidade presentes no gênero escrito, em vez de “*professora*, *estou*”. O que chama atenção é que assim como a professora de Língua Portuguesa apresentou marcas do padrão da língua escrita, no gênero *msn*, o adolescente ostenta marcas do padrão da língua oral, no gênero *e-mail*, o que evidencia uma maior familiaridade dos jovens e dos usuários da língua em geral com padrão da língua oral, ao qual estão mais expostos, hoje, inclusive escrevendo, uma vez que os bate-papos orais presenciais estão sendo substituídos pelos escritos.

Outra constatação é o uso dos sinais de pontuação de acordo com o padrão culto da língua escrita. Aliás, a interlocutora adolescente se vale do padrão culto da

língua escrita, isto é, usa adequadamente os sinais de pontuação, escreve as palavras conforme prescrição da norma gramatical, organiza os enunciados de acordo com a estrutura sintática de texto escrito, embora se trate de texto curto.

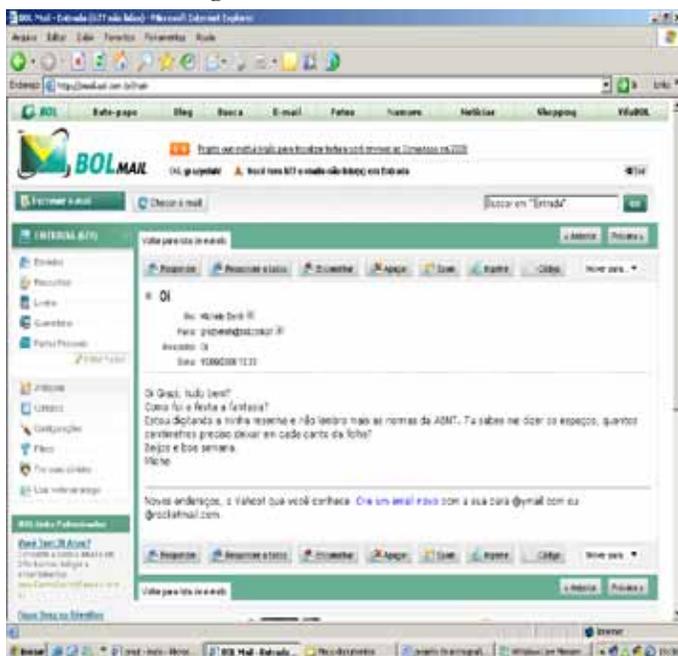
Mais uma vez, as características evidenciadas nos permitem inferir que os interlocutores se adaptam ao contexto do discurso, à situação de linguagem, pois mesmo o interlocutor sendo adolescente e habituado com o internetês, usa o padrão de língua exigido pelo gênero *e-mail*. Da mesma forma, o fato de as interlocutoras serem conhecidas não interferiu no uso da língua ao se comunicarem por meio do gênero textual escrito, *e-mail*.

Outra constatação é que neste gênero textual, não aparecem os *emoticons*, que expressam sentimentos e emoções dos interlocutores em gêneros textuais virtuais como o *msn*, o que define o *e-mail* como um gênero escrito e não oral. Os *emoticons*, em parte são substituídos por sinais de pontuação e também, às vezes por interjeições.

Neste gênero pode tanto haver uma resposta quase imediata, como também ela pode demorar dias, meses, e até não haver resposta. Por isso, o e-mail é considerado uma comunicação assíncrona de remessa de mensagens entre usuários do computador. Em algumas circunstâncias, conforme já explicitado, pode haver defasagem mínima de tempo, como também haver defasagem de dias, meses e anos. A interação aqui não é simultânea. Ela ocorre no momento em que os interlocutores se correspondem, ou seja, no momento em que a professora responderá ao *e-mail* recebido.

3.3.2 Conversa entre duas professoras amigas

FIGURA 5 – Página de um e-mail



A interação de duas professoras de Língua Portuguesa amigas evidencia que as interlocutoras se conhecem, são íntimas, pois o assunto do diálogo via *internet* é a vida pessoal de uma das envolvidas.

No recorte da conversa aparece a saudação, a assinatura, o remetente e o destinatário, características próprias do gênero *e-mail*.

É evidente que, por tratar-se de gênero textual virtual escrito e não oral, apesar de as interlocutoras serem íntimas, não há palavras abreviadas, nem palavras escritas foneticamente. Da mesma forma, os sinais de pontuação (ponto de interrogação, ponto final e vírgula) foram todos adequadamente usados, de acordo com o padrão da língua escrita.

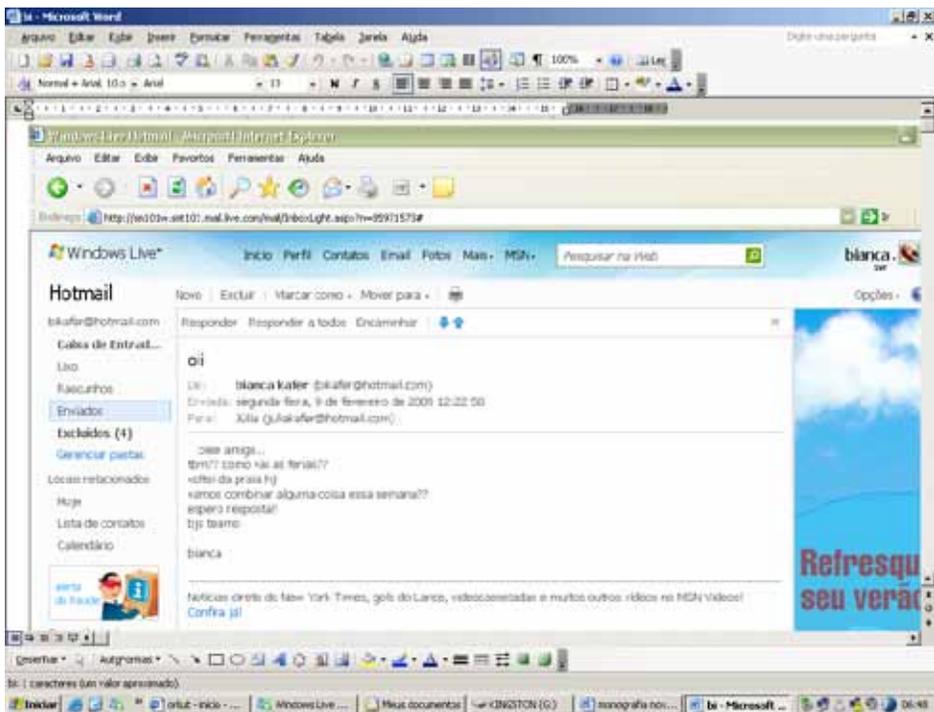
Mais uma vez evidencia-se que o uso da língua não tende flexibilizar-se a partir de um pacto ou um contrato particular entre os interlocutores que sejam íntimos. Ou seja, o uso da língua segue ao padrão da escrita, uma vez que se trata de gênero textual escrito. Mais uma vez percebe-se que, apesar da flexibilidade, o uso da língua tende a manter-se regular, estável, principalmente em se tratando de gêneros orais escritos.

A exemplo do recorte anterior, a interação acontecerá depois que o destinatário ler o *e-mail* e enviar alguma resposta, que pode ter defasagem mínima de tempo ou até mesmo algumas semanas, ou meses. Portanto, também aqui a comunicação é de forma assíncrona, pois não se trata de uma conversa simultânea.

Conforme já explicitado no recorte anterior, também neste *e-mail*, gênero textual escrito, não se faz uso de *emoticons*, que expressam sentimentos e emoções, característicos do gênero oral.

3.3.3 Conversa entre duas amigas adolescentes

FIGURA 6 - Página de um *e-mail*



A conversa entre duas amigas adolescentes, via *e-mail*, revela que ambas se conhecem, são íntimas e falam sobre as férias.

Nesse recorte, como nos demais analisados neste artigo, aparecem a saudação, a assinatura, o remetente e o destinatário, que são características próprias do gênero *e-mail*, porém a remetente não saúda a amiga chamando-a pelo nome e, ao assinar, escreve seu nome com letra minúscula. Em nenhum momento fez-se uso da letra maiúscula na escrita do *e-mail*. Há também o uso de palavras abreviadas, tais como: “*tbm, hj, bjs*”, em vez de escrever as palavras: “*tudo bem, hoje, beijos*”. Também aparecem sinais de pontuação como os pontos de interrogação e de exclamação, nas seguintes frases “*tbm?, como vai as férias?!, voltei da praia hj!*”. No entanto, não aparecem nem o ponto final, nem vírgulas.

Nessa conversa prevaleceu o uso da língua oral, muito próxima da usada no gênero textual oral *msn*. Esta aproximação com o gênero oral, embora o *e-mail* seja um gênero escrito, pode ser atribuída a vários fatores, como, por exemplo: a) o fato de tratar-se de interlocutores adolescentes, mais expostos a gêneros textuais orais; b) o fato de tratar-se de pessoas íntimas, que podem estar usando o *e-mail* como forma de comunicação síncrona, embora não o seja. Enfim, esse recorte aponta para a possibilidade de interlocutores mais jovens pressionarem a flexibilização de estruturas mais rígidas e padronizadas, típicas do texto escrito, até porque passam boa parte do tempo “navegando” na *internet* e “teclando” com seus pares, ou seja, interagindo por meio do uso do *internetês*. Repete-se aqui o evidenciado em outras duas análises, quando a professora usa o padrão da língua escrita no gênero *msn*. Ou seja, a adolescente usa o padrão da língua oral, isto é, o *internetês*, no gênero textual escrito: o *e-mail*. Mesmo que as interlocutoras usem a língua oral, não se verifica o

uso dos *emoticons*.

Portanto, como já dito acima, não há aqui preocupação com o uso do padrão da língua escrita, pois trata-se de interlocutoras adolescentes, amigas íntimas, em uma situação informal. Talvez, se o interlocutor não fosse íntimo, haveria maior preocupação com o uso padrão da língua escrita, conforme verifica-se no recorte da Figura 4.

A interação, conforme já explicitado, acontecerá quando o destinatário ler o *e-mail* recebido pelo remetente e enviar alguma resposta, que pode ter defasagem mínima de tempo ou até durar algumas semanas ou meses. A comunicação aqui é assíncrona, pois não há simultaneidade na conversa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação sobre o uso e o funcionamento da língua em gêneros textuais virtuais orais e escritos, no caso o *msn* e o *e-mail*, aponta para algumas evidências que, sem a pretensão de serem conclusivas, necessitariam de pesquisa e de discussão mais aprofundada. Como ainda há poucos estudos descritivos e analíticos referentes aos usos da língua em ambientes virtuais, um dos objetivos deste artigo é muito mais problematizar o funcionamento da língua nos ambientes virtuais do que trazer contribuições conclusivas. Assim, as considerações e reflexões aqui explicitadas visam a levantar questionamentos, temáticas, que podem ser trabalhados com maior rigor científico, num espaço de tempo maior, que propiciará a apresentação de conclusões mais consistentes e maduras.

Reconhecidas as limitações, passamos às considerações que julgamos pertinentes e necessárias. Em primeiro lugar, com base na análise dos textos, entendemos que ainda há muito preconceito em relação à linguagem utilizada no meio virtual, conhecida como *internetês*, vista por muitos como ameaça à norma culta ou ao uso do padrão culto da língua. As amostras investigadas apontam a consolidação de uma língua padrão típica para gêneros textuais orais e outra, para gêneros textuais escritos, independente da circulação do texto no meio virtual ou não virtual.

É consenso que a língua oral é bem diferente da língua escrita. Um dos elementos definidores desta diferença é, sem dúvida, a proximidade ou a distância entre os interlocutores. Quanto mais próximos os interlocutores, seja física ou afetivamente, maior a tendência de uso da língua flexibilizar-se. Por outro lado, quanto maior a distância entre os interlocutores, maior a tendência de manter-se fiel ao prescrito pela norma culta em relação ao uso da língua. Portanto, os diferentes usos da língua são coerentes e justificáveis.

No entanto, há ainda uma tendência muito forte de julgar a língua oral, inferior à escrita, até porque, até há pouco tempo, o acesso à língua escrita, seja lendo ou escrevendo, era privilégio de uma minoria. Talvez seja esta uma das razões da supervalorização da língua escrita, que merece ser estudada, descrita, analisada e, inclusive, transformada em lei; por isso, a tendência de instituí-la como norma a ser seguida, inclusive na oralidade.

Em segundo lugar, com base no dito acima e nas investigações realizadas, há evidências claras que apontam para a paulatina consolidação de diferentes usos da língua, específicos para os novos ambientes e meios eletrônicos. Percebe-se, pelas amostras investigadas, que os interlocutores, de modo geral, usam adequadamente a língua, de acordo com as exigências do contexto do discurso. No entanto, há indicativos de uma forte influência da língua oral na língua escrita. Ou seja, da mesma forma que, por muitos séculos se superdimensionou a língua escrita, há hoje uma acentuada tendência de o oral influenciar a língua escrita. A amostra seis, que traduz a interação entre duas adolescentes, ilustra bem essa interferência, uma vez que há uma semelhança muito grande entre o uso da língua no *msn*, gênero oral, e o uso da língua no *e-mail*, gênero escrito.

Essa interferência cada vez mais intensa do oral no escrito merece ser acompanhada e investigada, principalmente pelos que se dedicam ao ensino da Língua Portuguesa. Alguns questionamentos que hoje já angustiam grande parte dos professores de português são: Vamos continuar produzindo textos do gênero escrito, usando o ponto final, para segmentar as informações, ou vamos apresentar os textos apenas encadeando as informações, usando, no máximo, uma vírgula? Seria possível abolir o ponto final e substituí-lo pela vírgula, sem prejuízo para a legibilidade do texto?

Em terceiro lugar, é importante destacar que, de acordo com as análises realizadas e com base em Bakhtin (2002), a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal que se realiza por meio das enunciações, sendo então a interação verbal a realidade fundamental da língua. Ou seja, a língua não se mantém rígida, estática, uma vez que é pressionada pelo contexto do discurso ou de enunciação a flexibilizar-se, tendo em vista a necessidade de o interlocutor manter-se ativo na conversa. No caso de uma produção síncrona, que equivale a uma conversa oral face a face, o texto, embora escrito, precisa ser ágil, rápido, para que o diálogo seja dinâmico. Neste caso, justificam-se as abreviações, a escrita fonética, entre outros recursos. Já numa produção assíncrona, em que há possibilidade de intervalo maior na interação, mesmo em se tratando de gênero textual virtual, há uma tendência de orientar-se linguisticamente pelo padrão formal da língua escrita.

Enfim, conforme já mencionado, o tema aqui investigado, o funcionamento da língua em gêneros textuais virtuais à luz da teoria Bakhtiniana e da concepção de gênero textual, está longe da pretensão de ter consolidado qualquer conceito ou reflexão. Trata-se de um convite a que os possíveis leitores pesquisadores se estimulem a avançar nesta investigação, a fim de colher subsídios teóricos mais consistentes, com o objetivo de auxiliar os professores, principalmente os de Língua Portuguesa, a que efetivem uma prática pedagógica que vise ao desenvolvimento de habilidades que qualifiquem as relações sociais, inclusive as virtuais. Para que promovam novas formas de interação, que reflitam sobre elas, as avaliem, a fim de gerenciar com relativo êxito os diferentes tipos de interação que caracterizam os

inúmeros gêneros textuais existentes, entre eles o *msn* e o *e-mail*, objetos de análise deste artigo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Amablume, 2002. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧ ⑨ ⑩

BONINI, Adair. **Gêneros textuais e cognição: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos**. Florianópolis: Insular, 2002. ① ②

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. ① ② ③

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧ ⑨ ⑩ ⑪

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. ① ② ③

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J.L.; Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. ① ② ③

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦